

PÃO E VINHO NO *FILCCTETES* DE SÓFOCLES

*Fernando Brandão dos SANTOS**

"MISÉRIA É MISÉRIA EM QUALQUER CANTO
RIQUEZAS SÃO DIFERENTES"

(Arnaldo Antunes, Sérgio Brito e
Paulo Miklos)

O *Filcctetes* de Sófocles, numa primeira leitura, impressiona pela subcondição de vida de seu herói principal. Não é muito comum na tragédia ática do século V a.C. a aparição de personagens famintas, sedentas ou mal vestidas. Filcctetes, um dos guerreiros que comanda uma frota contra Tróia sob o poder do "rei dos homens" (*ânax ándron*), Agamemnon, é deixado em Lemnos, uma ilha deserta, porque no caminho da expedição, tendo sido picado por uma serpente homicida, enchia o acampamento com seus insultos selvagens e gemidos**. Mas, de todo o drama compos

* Departamento de Linguística - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800 - Araraquara - SP

**12; 5, vv. 717-725; 6, vv. 188-190; 7, vv. 219-220; 3; 9, vv. 96-116

to por Sófocles, apresentado em 409 a.C. em Atenas, queremos aqui apenas chamar a atenção para uma parte do primeiro e único estásimo da peça. Na segunda estrofe deste canto coral lemos:

"(...) não colhia da sagrada terra o grão para sustento nem outras coisas das que nos alimentamos, homens comedores de pão,
a não ser quando alguma vez o arco
de aladas setas atingisse o sustento para o ventre.

Ó triste ser!

que com taça de vinho não se comprazia há dez anos,
e buscando em lugares que conhecia, até de água estagnada
sempre se aproximava (...)"

(1, vv. 706-718)

Pierre Vidal-Naquet vê nesta estrofe que "Filoctetes aparece como inteiramente estranho ao mundo dos campos cultivados" (13, p. 178). Ao invés de estranheza preferimos o termo "carência". A peça, desde o cenário proposto pelo texto até o recurso final, com a vinda de Hércules como um **deus ex-machina**, acentua o modo de vida precário do herói. Sem dúvida, Filoctetes está em Lemnos, morto para a sociedade cívica. Lemnos, no texto de Sófocles, é um espaço marcado pelo isolamento: "não pisado nem habitado por mortais

ou imortais." (1, vv. 1-2, vv. 220-221) Filoctetes fica só por dez anos e sua solidão, em diversos momentos da peça, é acentuada*. Mas que solidão é essa a de Filoctetes? Sob que imaginário está construída? Obviamente a resposta para essas perguntas pode ser muito mais abrangente e pode também conduzir-nos a diferentes abordagens da peça. Poderíamos abordar a solidão do herói trágico, como o fez, por exemplo, B.M. Knox em *The Heroic Temper* (8), ou o exílio cívico como o fez Pierre Vidal-Naquet ao acentuar que Odisseu faz dele um morto social, lembrando que Filoctetes é exilado justamente por interromper as libações e sacrifícios com seus gritos e insultos (13, p. 178). Assim, seria este seu estado doentio o centro propulsor da decisão dos Atridas, pelas mãos do hábil (**sophós**) Odisseu, em retirar do acampamento a figura perturbadora de Filoctetes? Este afastamento de Filoctetes seria mais importante que sua ação desastrosa (sua **hamartía**) precipitada ao se aproximar do altar de Crisa, na ilha de Crisa? A versão que Sófocles

* 1, vv. 169-190; vv. 224-29; vv. 269-69; vv. 278-82; vv. 691-716; vv. 951-60 e todo o **kommós**, vv. 1081-1218.

nos apresenta não fornece maiores detalhes sobre a razão de Filoctetes ter sido picado pela ser pente guardiã do altar de Crisa*. O que Sófocles ressalta em seu texto é que a presença de Filoctetes no acampamento grego em território troiano impede que os ritos propiciatórios se realizem devidamente. E ao ser afastado do convívio de seus iguais, os ândres, homens-cidadãos-guerreiros, é afastado da vida cívica e de tudo o que ela acarreta. Munido apenas com o arco que herdara de Hércules (e o texto silencia também sobre como se dera este episódio) leva por dez anos uma vida semelhante a de um caçador primitivo.

A caracterização, então, da vida de Filoctetes durante esses dez anos está resumida neste único dia em que a expedição de Odisseu chega trazendo Neoptólemo, o filho de Aquiles, para capturá-lo junto com sua arma poderossíssima. A primitividade do modo de vida levado por Filoctetes tem como contraponto a própria concepção de um modo de vida político, isto é, tem como referência a vida de um cidadão na pólis do século

* 1, vv. 7, 41-42, 44, 162-68, 191-200, 265-70 e vv. 1326-40.

V a.c. Há, sem dúvida, como em quase toda a tra
gédia ática, o que P.E. Easterling chama de "ana
cronismo da tragédia grega" (4, p. 1-10). Am
pliamos essa idéia de P.E. Easterling dizendo
que, na verdade, o que se tem na tragédia é jus
tamente a projeção no palco do imaginário do pr
oprio século V, calcado, sem dúvida, na tradição
de um passado "heróico" e portanto arcaico. Mas
este passado, na tragédia grega, passa pelo cri
vo contemporâneo dos autores trágicos, inclu
indo a filosofia sofística que tomava corpo na ci
dade.* Assim, Sófocles, ao nos apresentar a um
dos heróis lendários da tradição, coloca-nos
diante de um homem cujas carências, cujas nece
sidades são as carências de um cidadão de sua

* Vimos que a tragédia, enquanto permanece viva,
busca seus temas nas lendas dos heróis. Esse
enraizamento na tradição das narrativas míti
cas explica, que sob muitos aspectos, se encon
trem mais arcaísmos nos grandes Trágicos que em
Homero. A tragédia, no entanto, assume um dis
tanciamento em relação aos mitos de heróis em
que se inspira e que transpõe com muita liber
dade" (13, p. 16)

época. E por acentuar o seu modo de vida precário, sua marginalidade diante da comunidade guerreira, explicita qual seria o seu oposto. Ressalte-se aqui o termo que traduzimos por "sustento", **phorbes** (l, v. 162, v. 708) é em sua primeira acepção, não o alimento de forma geral, que se serve aos homens, mas a alimentação que se dá a animais: pasto, por assim dizer. Então, quando o coro entoia que "ele não colhe o grão de sustento (v. 708) da sagrada terra", põe-nos diante do contraste mais evidente em relação àqueles que, através do trabalho, obtêm o mínimo para sua sobrevivência. A imagem de "homens comedores de pão" (**áneres alphestái**), tirada de Homero, reforça a idéia de uma oposição entre uma vida civilizada, que pressupõe um mínimo de domínio tecnológico, e uma vida animalésca.

A etimologia de **alphestes** aponta para duas acepções. Uma vinda, do verbo **alphano**, ganhar, obter e daí fornecer, associado ao termo latino **labor**. A outra, vinda de **álphi**, pão (farinha de cevada **álphiton**) mais o verbo **édo**, comer (da mesma raiz do verbo latino **edo**, comer).* Veja-se as duas acepções para o termo **alphestes** não pre

* Também **alphós**, branco e o latim **albus**.

judicam o conjunto semântico dos versos, porque em ambas há idéia de trabalho e alimento.

Charles Paul Segal, em seu *Greek Tragedy and Civilization, an Interpretation on Sofocles*, afirma: "carente de pão, ele está despojado do ítem mais distintivo da dieta civilizada e do signo básico da generosidade da terra, em si mesmo divina ou 'sagrada'. Carente de vinho, ele não tem os meios de realizar a mais simples oferenda dos deuses" (10, p. 292). Sabemos muito bem o que o homem grego entendia pela generosidade da terra, deusa mãe, "mão do próprio Zeus", segundo uma ode do *Filoctetes*.* Além da complexidade do significado do vinho na cultura grega (2), há ainda que se considerar a complexidade da participação do cidadão nos rituais públicos da cidade (11, p. 175 e passim). É a participação nos rituais públicos que, de certa forma, confere ao cidadão toda a sua identidade.

* "Terra montanhosa nutriz de todos,
mãe do próprio Zeus (...) (1, vv. 391-93). Aqui, como notou C.P. Segal, é um dos raros momentos em que Terra não está associada à produção dadivosa. (10, p. 324). Ver em Dain a expressão **biódoros aia**. (1, v. 1162)

judicam o conjunto semântico dos versos, porque em ambas há idéia de trabalho e alimento.

Charles Paul Segal, em seu *Greek Tragedy and Civilization, an Interpretation on Sofocles*, afirma: "carente de pão, ele está despojado do item mais distintivo da dieta civilizada e do signo básico da generosidade da terra, em si mesmo divina ou 'sagrada'. Carente de vinho, ele não tem os meios de realizar a mais simples oferenda aos deuses" (10, p. 292). Sabemos muito bem o que o homem grego entendia pela generosidade da terra, deusa mãe, "mão do próprio Zeus", segundo uma ode do *Filoctetes*.* Além da complexidade do significado do vinho na cultura grega (2), há ainda que se considerar a complexidade da participação do cidadão nos rituais públicos da cidade (11, p. 175 e passim). É a participação nos rituais públicos que, de certa forma, confere ao cidadão toda sua identidade.

* "Terra montanhosa nutriz de todos,
mãe do próprio Zeus (...) (1, vv. 391-93). Aqui, como notou C.P. Segal, é um dos raros momentos em que Terra não está associada à produção dadivosa. (10, p. 324). Ver em Dain a expressão **biódoros aia**. (1, v. 1162)

Ao contrário do hoplita, Filoctetes, em Lemnos, não tem posto nenhum, nenhuma função militar na hierarquia dos guerreiros. De posse do arco de um deus, Hércules, usa-o apenas para caçar animais selvagens que lhe saciam a fome. Desta forma, o arco, que, a princípio deveria ser usado como o seu primeiro dono usou, liga-se a necessidade vital de Filoctetes. Privado dele, Filoctetes vê-se privado da própria vida.* Nada mais lhe resta senão morrer (1, v. 1085, 1105 e 1158) e ser devorado por aqueles de quem um dia se alimentou:

"Ó aladas presas e raças de feras
de olhos brilhantes, que este lugar
mantém alimentadas nos montes,
jamais vos aproximareis de minha caverna
fugindo de mim, pois não tenho nas mãos
a força das flechas como antes,
ai, como sou infeliz agora,

* "Despoja-me da vida ao roubares minhas armas" (1, v. 931). Ver o artigo de Pierre Vidal-Naquet para a comparação deste trecho com o pensamento de Heráclito. (13, p. 180)

mas livre este lugar se encontra,
não mais devo ser temido por vós.
Avançai, agora o belo
bico vingador saciai graças
à minha carne descorada,
pois em breve deixarei a vida."

(1, vv. 1146-58)

Com o roubo das armas, Filoctetes é posto para além da sua já marginalidade. Neoptólemo, o jovem filho de Aquiles, em seu persurso iniciático, devolve-as a Filoctetes; devolve-lhe, assim, no mínimo, o seu modo precário de vida. Esta resolução revela a natureza de seu caráter. Ao invés de conduzi-lo a Tróia, como já se comprometera com Odisseu no prólogo, promete levá-lo de volta para casa, contrariando a determinação dos mandantes e o desígnio do oráculo de Heleno. Todos esses acontecimentos, já quase no final da peça, provocam um desconforto porque o público, conhecedor do mito de Filoctetes, sabia que ele voltou a Tróia e, com as armas sagradas de Herácles, matou Páris, dando a vitória aos gregos, vingando a morte de Aquiles. Mas é somente a voz do deus Héracles, *deus ex-machina*, que reverte a situação de Filoctetes, na peça de

sófocles, reintegrando-o à comunidade dos guerreiros. Mas isto já é um outro problema proposto pela leitura do *Filoctetes* de Sófocles. Ao mergulharmos na miséria de Filoctetes, somos convidados a refletir nas riquezas de pólis. Como está dito na canção da epígrafe, miséria é miséria em qualquer canto, riquezas são diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DAIN, A. *Sophocle*. Paris: Les Belles Lettres, 1974. v. 3.
2. DETIENNE, M. *Dioniso a céu aberto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
3. DIO CRHYSOSTOM. Oratio, 52. In: _____. *Discourses*. London: William Heinemann, 1956. v. 4.
4. EASTERLING, P.E. Anachronism in Greek tragedy. *Journal of Hellenic Studies*, v. 105, p. 1-10, 1985.
5. HOMERO. *Iliáda* II. In: _____. *Homeri opera*. Oxford: Clarendon Press, s.d. v.1.
6. HOMERO. *Odisséia*, III. In: _____. *Homeri opera*. Oxford: Clarendon Press, s.d. v.3

7. HOMERO. *Odisséia VIII*: In: _____. *Homeri opera*. Oxford: Clarendon Press, s.d. v.3.
8. KNOX, B.M. *The heroic temper: studies in sophoclean tragedies*. Berkeley: Univ. of California Press, 1983.
9. PÍNDARO, I. *Pitica*. In: _____. *Pithiques*. Paris: Les Belles Lettres, 1923.
10. SEGAL, C. *Tragedy and civilization: an interpretation on Sophocles*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1981.
11. SISSA, G., DETIENNE, M. *Os deuses gregos*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
12. SÓFOCLES. *Philoctetes*. Edição comentada por J.C. Kamerbeek. Leiden: E.J. Brill, 1980. v. 4.
13. VIDAL-NAQUET, P. *Filoctetes de Sófocles e a Efebria*. In: VERNANT, J.-P., VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1988.